

Ano XXVII Nº 330 fevereiro de 2017

# Solano Trindade - Recife não esqueceu seu grande filho

#### **Geraldo Pereira**

olano Trindade, nasceu no Recife (PE) em 24 de julho de 1908, foi poeta, folclorista, pintor, ator, teatrólogo e cineasta. No ano de 1934 idealizou o I Congresso Afro-Brasileiro no Recife. Faleceu na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia 19 de fevereiro de 1974. Companheiro de gostosos papos poéticos e políticos, melhor ainda se fossem regados à cerveja bem gelada, e tira gosto de batatas fritas feita na hora, como ele gostava.

O sabor dos papos eram mais gostosos se tivessem como cenário o "11 da ABI", da ABI que trazíamos no coração. Ai daquele que falasse mal da Casa da Liberdade em nossa presença.

No "11 da ABI", ele costumava chegar antes de mim, e se por um motivo ou por outro não pudesse, ou estivesse muito atrasado, o saudoso Jorge Viana, funcionário exemplar da Casa e "dono do 11", me passava o recado.

Saudade, muitas saudades de Solano Trindade, meu grande amigo, grande poeta, grande copo.

Autêntico Poeta do Povo, morador de Caxias, e passageiro diário de seus trens.

#### TEM GENTE COM FOME

Solano Trindade

Trem sujo da Leopoldina

correndo correndo parece dizer tem gente com fome tem gente com fome tem gente com fome

Piiiiii

Estação de Caxias de novo a dizer de novo a correr tem gente com fome tem gente com fome tem gente com fome

Vigário Geral Lucas Cordovil Brás de Pina Penha Circular Estação da Penha Olaria



Ramos
Bom Sucesso
Carlos Chagas
Triagem, Mauá
trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome

Tantas caras tristes querendo chegar em algum destino em algum lugar

Trem sujo da Leopoldina correndo correndo parece dizer tem gente com fome tem gente com fome tem gente com fome Só nas estações quando vai parando lentamente começa a dizer se tem gente com fome dá de comer se tem gente com fome dá de comer se tem gente com fome dá de comer

Mas o freio de ar todo autoritário manda o trem calar Psiuuuuuuuuuuu

Há pouco no Recife, na capital do Frevo, no seu Quartel General, no bairro de São José, num boteco simples, meia dúzia de mesas, duas ou três do lado de fora, numa, uma escultura muito bem trabalhada, me chama a atenção.

Em cima de uma mesa, a estátua de corpo inteiro, lá está Solano Trindade, braço para o alto, sua Cidade natal não o esqueceu.

Comovido fiquei, a lembrança e a sensibilidade do Poder Público recifense, interpretando o sentimento popular dos seus habitantes, ergue, num simples boteco, um monumento em homenagem ao seu grande filho.

Saudades também dos memoráveis pileques no "11 da ABI". Quando se andava pelas ruas do Centro da Cidade Maravilhosa, altas horas da noite, absolutamente despreocupado.

#### POEMA AUTOBIOGRÁFICO

Solano Trindade

"Quando eu nasci,
Meu pai batia sola,
Minha mana pisava milho no pilão,
Para o angu das manhãs...
Portanto eu venho da massa,
Eu sou um trabalhador...
Ouvi o ritmo das máquinas,
E o borbulhar das caldeiras...
Obedeci ao chamado das sirenes...
Morei num mucambo do ""Bode"",
E hoje moro num barraco na Saúde...
Não mudei nada..."

Geraldo Pereira é escritor e jornalista.

Página 2 - fevereiro de 2017

## Samba de Breque

#### Rosani Abou Adal

Um samba de breque para alegrar o coração do trabalhador brasileiro. Salário mínimo está curto, não dá para se viver. Sem cesta básica, vale transporte, a grana só dá para comer um prato feito. No Brasil tem Carnaval, samba, futebol, violão, pandeiro e cavaquinho para amenizar a tristeza do ano inteiro. Cerveja e cachaça para não lembrar do bolso vazio, da marmita requentada, das filas nos hospitais, da luta por uma vaga nas escolas, da falta de dinheiro para pagar aluguel. Esquecer, único remédio. Vamos cantar samba, tomar uma loirinha, comer tira-gosto, pular Carnaval, assistir futebol para esquecer a corrupção, a fome, a falta de dinheiro nos bolsos. Vamos cantar um samba de breque para alegrar o coração do trabalhador brasileiro.

Rosani Abou Adal é jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

#### **LINGUAGEM VIVA**

Assinatura anual: R\$ 100,00 semestral: R\$ 50,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

#### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - <u>www.linguagemviva.com.br</u> Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000 Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades. Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - <u>www.xavierdelima1.wix.com/xavi</u>
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

# CADEIRA DE BALANÇO

#### Caio Porfírio Carneiro

- Há quantos anos mora nessa casa, seu Astolfo?
- Nesta aqui?

-É.

-Faz tempo.

-E sempre se embalando nessa cadeira, à tardinha, não é?

-E

-Quando eu era criança e passava aqui em frente sempre via o senhor nessa mesma cadeira, à tardinha, apanhando a fresca da tarde.

-E.

-É.

- -Viajei e fui morar longe. Estou em passeio de reencontro com o passado distante. Muita coisa mudou, mas este quarteirão é o mesmo.
  - -Seus filhos casaram?

-Casaram.

- -Fui amigo deles. E a sua mulher, a dona Candoca, como vai?
- -Já está no céu.
- -Eu não sabia.

-É.

- -E a sua oficina de ferragens?
- -Fechada. Acabou.
- O senhor ainda está muito conservado.
- -Já estou perto de Deus. Já fiz neste mundo o que tinha de fazer.
- -Vai levar essa cadeira de balanço com o senhor?

-Se Deus permitir...

Deu mais um embalo vagaroso com o pé e a cadeira de balanço trouxe-me aos ouvidos os rangidos chegados lá da infância, perdida há mais de sessenta anos.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

## Vendemos

#### Diccionario De La Literatura Cubana,

redactora: Marina Garcia, corrector: Jesús Delgado (Editorial Letras Cubanas - Ciudad de La Habana, Cuba, 1980, Instituto de Literatura Y Linguistica de La Academia de Ciencias de Cuba, Tomos I e II).

Quiénes escriben em Cuba - Responden los narradores, de Jorge L. Bernard y Juan A. Pola, Editorial Letras Cubanas, Cuidad de La Habana, Cuba, 1985, 592 páginas. Reúne biografias e entrevistas. Ilustrado com fotos e assinaturas dos autores.

Tel.: (11) 97358-6255 - rosaniadal@gmail.com

## Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 soninhaabou@gmail.com

LINGUAGEM VIVA Página 3 - fevereiro de 2017

# RETRATOS ESCRITOS DE SÃO PAULO ANTIGA

#### Rui Ribeiro



e Bernardo Guimarães a Marcos Rey, passando por Alcântara Machado, Mário de Andrade e Afonso Schmidt. entre os mais conhecidos, numerosos escritores incorporaram a paisagem da capital paulista de diferentes épocas ao painel de suas produções ficcionais, algumas das quais não reeditadas.

Resgatada após quase oito décadas de esquecimento, "Ronda da meia-noite" (1925) mereceu novas edições em 2002 e 2003. O curioso volume de crônicas apresenta a contextura de água-forte. De seu autor, Sylvio Floreal - pseudônimo adotado por Domingos Alexandre - pouco se sabe, ignorando-se até sua data de nascimento. Deduz-se, por informação de Afonso Schmidt, que o conheceu rapazola por volta de 1910, tenha vindo ao mundo nos últimos anos do século XIX. Ainda segundo Schmidt, "...em certa manhã de 1929 acharam-no morto no quarto em que residia, uma velha casa de cômodos da Rua Senador Feijó". Boêmio e profundo conhecedor da cidade, o escritor fornece em seu livro uma visão panorâmica e impressionista da vida paulistana na segunda década do século passado, sobretudo as mazelas sociais. Desfilam pelas suas páginas

um triste cortejo de toxicômanos, bêbados e loucos. Mas há também

coronéis, frequentadores do elegante Bar Municipal e "...meninas casadouras , no Mappin e outros lugares chiques, onde se toma o chá com todo o protocolo da futilidade..." Os logradouros que foram cenários de 'Ronda da meia-noite" ainda conservam, na majoria. os nomes da época, como o Viaduto do Chá, que o aucognominou "suicidouro" construído pela municipalidade.

Três romances, que tiveram uma única edição, foram concebidos por autores falecidos no vigor da idade e, como sequencia cronológica, captam flagrantes da

Pauliceia da última década do século XIX a meados do século seguinte.

Considerado por João Ribeiro como "...uma das melhores novelas destes últimos anos...", "O vil metal" (1910), de Batista Cepelos envolve trama que se desenrola no período imediatamente após a proclamação da República. O vigor narrativo e a linguagem colorida, repleta de imagens, compensam a pouca criatividade na caracterização das personagens, todas do tipo convencional: a resignada esposa preterida, o marido dissipador da fortuna adquirida por casamento de conveniência, o escritor frustrado, o jornalista sem escrúpulos. Diferente porem era a desaparecida feição físico-social paulistana, com bondes a tração animal transitando pelas ruas São Bento, Direita e 15 de novembro, nas quais se localizavam confeitarias e cafés elegantes, como o "Castelões" e o Guarani". O poeta épico dos feitos dos bandeirantes extravasa em "O vil metal" seu amor, em alguns aspectos bairrista, pela já pujante cidade de fim de século.

Elementos vivenciais do autor, ao que tudo indica, compõem "Planalto", (1939), de Flávio de Campos, que apresenta personagens fictícios e reais, estes com seus nomes verdadeiros. A ampli-

tude da ação abrange o período entre 1931 e 1935, pródigo em convulsões políticas e sociais que atingiram São Paulo na fase em que a cidade grande se transformava em metrópole. Na trama, as inter-relade um grupo heterogêneo de amigos, em que predominam membros da classe média e alta da sociedade. Jovens intelectuais românticos eles debatem os males que afligem a cidade e o país. Avultam no centro da história o drama existencial do advogado Lauro Rocha e os desencontros afetivos de Fernando Ribeiro, um alter ego do escritor, igualmente bacharel em direito, cronista de importante jornal e participante ativo da Revolução Constitucionalista de 1932.

Em "Loucos, poetas, amantes" Geraldo Santos focaliza São Paulo do ano de 1946, conforme declarado no índice dos capítulos do romance. O livro traz um estreante desenvolto e inovador, que transmite "segundo seu angulo de visão, as marcas que a vida provoca em nosso espírito", na definição de Ricardo Ramos. Do começo ao fim, inquietações e desencontros assinalam a busca de realizações na agitação da metrópole. A ação assume proporções de empolgante novela policial nos últimos capítulos, quando o personagem principal abandona o convívio de amigos e ambientes requintados, para percorrer bairros pobres e redutos de marginais, à procura de vítima de sequestro. Registram seu percurso, como em sequência de fil-



me, cenas de interior de bares, gente aglomerada nos pontos de bonde, cartazes com anúncios, ônibus apinhados de trabalhadores, placas de estabelecimentos comerciais, rostos perdidos na multidão e outros aspectos cambiáveis do dia-adia urbano.

Além das enfocadas, outras inúmeras criações ficcionais aguardam merecida reedição, porquanto também podem contribuir para a preservação da memória da cidade, da mesma forma que as fotos e postais publicados nos últimos anos.

> Rui Ribeiro é escritor e crítico literário.

> > FOTOGRAFIA DIGITAL



TRABALHAMOS COM:

- CASAMENTOS
- ANIVERSÁRIOS INFANTIS DEBUTANTES BATIZADOS ENSAIO PRÉ CASAMENTO
- NEWBORN (RECÉM NASCIDOS)
- CATÁLOGOS
  EDITORIAS DE MODA
  FOTOGRAFIA DE PRODUTOS

PHOENIX FOTO & VIDEO

www.phoenixfotovideo.com.br facebook.com/phoenixfotoevideo contato@phocnixfotovideo.com.br T.: 11 3266-5569 | C.: 11 97582-9752

FILMAGEM DE AUTA DEFINIÇÃO FOTO-LEMBRANÇA ALBUM FOTOGRÁFICO (FOTO-LIVRO) ESTÚDIO FOTOGRÁFICO RETROSPECTIVA

Página 4 - fevereiro de 2017

#### As Sobras Humanas do Romance SOMBRAS SOBRE A TERRA de Francisco Espínola

#### Silas Corrêa Leite

Quem somos nós, autointitulados humanos, senão meros cavalos passando de mão em mão e servindocomo veículos para que a vida possa escorrer por meio de nossas existências? Roberto Damatta

· Às vezes penso que escrever é alimentar algum monstro que mora em nossas escuridões. Outras vezes tento, desesperadamente, ser apenas uma alma humana tentando compreender e expor as dilacerações de percurso de outras almas humanas, nas suas difíceis e delicadas (quando não endiabradas) sobrevivências possíveis, e, volta e meia dou-me a compreender as dilacerações humanas expostas em quadros cênicos, como se o contar do romancista fosse (ou tentasse ser) um mero band-aid nas escurezas das sombras, das contundências das terras humildes ilustradas com nódoas de sanque, dizendo das almas que atravessam a árvore da vida, e como se também fossem meras tábuas empenadas, e ainda assim revelando flancos mal compostos, nós cegos, desajustes de veias e veios, imperfeições e tristices desamasiado humanas. Afinal, pensando na escrevivência do autor, tentamos entender que o talento também se forma na solidão, revelando então o caráter daquele que contempla o mundo em todas as suas mixórdias, rudezas, e zonas de conflito. Ah, a carne é fraca. E o ócio é duro de ruir.

Com SOMBRAS SOBRE A TER-RA de Francisco "Paco" Espínola não poderia ser diferente, com sua alma também latina, e sua latinidade órfã. O autor junta cenas, encorpa-as, costura, pinça janelas, entrecortes, e, autobiográfico que o seja, vai contando do seu jeito como se floreasse um tango deslocado, um tango uruguaio, em insalubridades psicológicas de acomodação, feito escrever ser o fazer soar o seu bandoneon, a dizer de rufiões, prostitutas, cafetões, a marginária s/a, em que o personagem (autor?) tenta também encontrar-se a si de alguma maneira ou forma, numa busca consigo mesmo do narrar a vidinha merreca dos sofridos. como quem que se junta a eles, mas saca e revela as asperezas escarradas e mal cuspidas de amores corrompidos, companhias etílicas, amantes e namoradeiras de percurso e estadias. Sabe da vida humilde dos baixos escalões buscando prazer, nem que seja a química paz na alma pra se coçar...

Milongas, frustrações, desassossegos, prostíbulos mal caiados, muambas, drinques avessos, tudo sob o enlevo do transitório, do mal acomodado, do lamento, das impurezas que aqui e ali se deslocam, mas continuam buscas, certas escondidezas de ser e de não ser de vidas solitárias sem fios desençapados, acomodadas no trivial de simplezas, ora uma realidade dolente. uma sofrência desafinada de feitio e meio, e as almas são levantadas como meros sabugos respigados do chão nas contações do autor; feito o relato de uma boêmica gente em sua sobrevivência possível naqueles cafundós ordinários de um quase desmundo ribanceiro. É um romance da alma paraguaia, diz o crítico literato da USP-Universidade de São Paulo Adelto Gonçalves, sobre o consagrado romance SOMBRAS SOBRE A TERRA do Francisco "Paco" Espínola.

Aliás, a própria vida-obra de Francisco Paco Espínola aqui e ali nos remete a Oscar Wilde, que nos diz: "Prezo as pessoas mais do que os princípios; e as pessoas sem princípios, mais do que tudo neste mundo. Todo o efeito que causamos nos arrania um inimigo. Só a mediocridade é popular. A vantagem das emoções é que elas nos desencaminham. Ser natural é simplesmente uma pose, a mais irritante que eu conheço. Os que são fiéis conhecem só o lado trivial do amor. A infidelidade é que sabe das tragédias do amor. As emoções alheias são mais divertidas que as ideias alheias. A mutilação do selvagem subsiste tragicamente na renúncia que nos estraga a vida. Peque o corpo uma vez e estará livre do pecado. Porque a ação tem um dom purificador. Nada restará então, salvo a lembrança de um prazer: ou a volúpia de um arrependimento. As criaturas vulgares não nos impressionam a imaginação. São seres esperando que a vida lhes desvende todos os segredos (...); Os seres sem egoísmo são incolores. Carecem de personalidade(...). A discordância está em sermos forçados a viver em harmonia com os outros. Civilizar-se não é fácil. Só se conseque por dois meios: cultivando-se ou pervertendo-se. Consciência e covardia, são, na verdade, a mesma coi-

Sombras Sobre a Terra enquanto romance, são parágrafos com contações feito afetos trigueiros de figurinhas carimbadas de baixio chão, sombras da terra, sobras, carcaças, refugos, como pequeninos cães. Professor, crítico literário e teatral, comunista de carteirinha e utopia, mesmo sendo de origem "blanca", Paco escreve como se narrasse a cena inteirinha e com detalhes para ser montada num palco alhures, num filme em que esmiuça idas e vindas, e este seu romance diz dessas histórias que fulguram na obra como seu melhor livro, a sua cara, ápice de seu oficinário criativo, tendo sempre aqui e ali, um "de que" en passant de Dostoievski tropical,

numa narrativa peculiar, bem elaborada, meio indolente que seja, vivendo suas erratas de vícios e arremedos de buscas de um cerne existencial que seja, dado a própria impossibilidade de ser feliz nesse seu jeito de "aleijado por dentro" até mesmo de ter esse defeito incurável e pertinente de querer ser feliz...

Galo cego, gato pardo, ele evoca-

"Oh noite, que ocultas ao homem as leis dos homens e fazes de cada beco um caminho seguro até a burla dos juízes, até o descanso e o esquecimento, cegando a vista de olhos altivos que não te frequentam! A quem temem os que te dormem, os de muitos ferrolhos, os que deles te afugentam com lâmpadas poderosas, porque lhes traz de longe, entre tuas dobras, esses clamores gemebundos que os estremecem sobre o travesseiro. Oh, noite, onde as sombras baixam ao coração do homem: por onde sobem as sombras do coração do homem; onde o homem envolve em sombras o coração"". (pg. 77).

Ah a dura realidade que cerca os infelizes, os sensíveis, que forma os sentidores em buscadores, entre a miserabilidade de abismos intrigueiros, queixumes, mais as carências, os sofrimentos de perdas, o dezelo íntimo nas quebradas do mundaréu em que vagam, bebem, se dopam, dormem, sonham praias distantes, almejam viagens sem fim, recontam paixões prazenteiras, tentam sonhar impossibilidades rasteiras. ou feitos futurais sem saber como, como fugas, escapadas, bebemorações de cantos, valas, barrancos e barracos. com a base da vidinha entre noiteadeiros, os notívagos, cavando purgações, tentando se livrar dessa ferida que é sobreviver, lambendo fissuras, feridas, ressacas, papos homéricos, entre isolamentos de sombras e companhias de sobras corrompidas.

O abandono de um ideal, a fuga de um remorso, a inaceitação de ser como é em situação de ausência, para a busca de uma zona de conforto nesse caos existencial que é a vida e, pior, a sobrevida nessas paragens de relatos, pois Juan Carlos, perdidão, cego de alguma maneira, busca uma família perfeita e certa na evocação da morte e seus chamamés de encordoamentos de imagens, miragens, revisitanças, em situacões que trazem névoas e o ambiente pesado de um café periférico, uma bodega de flanco, uma baiuca de quebrada, numa zona de meretrício iluminada de sombras da terra... Há uma ambição humilhada num mundo desfavorável? E a dor de escrever o que é? Um grande romance.

Haruki Murakami disse "Quando paramos para escrever um romance,



quando usamos a escrita para criar uma história, queiramos ou não, um tipo de toxina que jaz nas profundezas de toda humanidade sobe à superfície. Todo escritor precisa ficar cara a cara com essa toxina e, consciente do perigo envolvido, descobrir um jeito de lidar com ela". Pois Paco em Sombras Sobre a Terra faz isso com garbo, com estilo, porque o romance dele é crivado de olhares profundos, contemplativos, investigatórios e cheios de ilusão, pondo (dando) petiscos de prosas aos seus monstros, face aos seus humildes, feitios ao seu tempo, espaço e lugar, revelando-os a seus privilegiados leitores de sua literatura de quilate. O underground regurgitando vagidos letrais. Acende luzes-parágrafos entremeados de arremedos de retalhos de gente, contando daqueles que se esqueceram de si mesmos, de suas cruzes, de suas broncas, amarras e perdições. Sombras sobre a Terra é sombra sobre a noite, é a sombra sobre almas, e, talvez, a própria alma do autor repaginada, assim também revisitada numa obra de peso, de vulto, onde ele mesmo é, nessa névoa toda que ascende em bela prosa, um vulto de si mesmo se passando a limpo, se passando a limo, a húmus, aqui no caso se passando a livro, das sombras da terra sobre a terra

SOMBRAS SOBRE A TERRA-Francisco Espínola, Editora LetraSelvagem, SP, Coleção Gente Pobre, Organização de Nicodemos Sena, 2016 – 360 Páginas www.letraselvagem.com.br - E-mail: letraselvagem@letraselvagem.com.br

Silas Corrêa Leite é professor, jornalista comunitário e conselheiro em Direitos Humanos. Página 5 - fevereiro de 2017

# INTERSECÇÕES- UM LIVRO INOVADOR

W.J. Solha

INTERSECCÕES. de Cleber Pacheco - TAL COMO O BRASIL -NÃO É PRA PRINCIPIANTES. Há muito eu não via uma inovação literária tão radical quanto a desse romance - editora Penalux, 2016. Estamos longe da novidade da narrativa fracionada em verbetes, como no Dicionário Kazar, de MiloradPavitch, que é de 84; da história que admite várias ordens de capítulos na leitura, como no Jogo da Amarelinha, do Cortázar, de 63; do romance com cada capítulo em seu próprio estilo , como no mais distante ainda Ulisses, de Joyce de 22; e longe até mesmo do realismo mágico de Cem Anos de Solidão, García Márquez - de 67. Acho que a última obra nessa linha, no Brasil, foi o Avalovara, de Osman Lins, de 73, com sua estrutura baseada no quadrado SATOR. Ou: Não: meu romance Israel Rêmora, de 75 - Prêmio Fernando Chinaglia de 74, é algo como esse Intersecções antes da desintegração nuclear promovida por Cleber Pacheco: os capítulos intermediados, sempre, por poemas que são monólogos do protagonista - não têm nada a ver uns com os outros, a não ser pelo personagem que têm em comum.

Bem, o fato é que eu dava o experimentalismo , por esse enorme hiato até o Intersecções, como findo. Morto e enterrado.

Mas o que vem a ser a sua inovação? Eu falei em desintegração nuclear. Mas é melhor pensar nos 930 fragmentos de manuscritos hebraicos, aramaicos, e gregos encontrados em Qumran, datados de 250 a.C., conhecidos como do Mar Morto. Fragmentos, eu disse. O texto de Interseccões é cheio de lacunas. A impressão é a de que Cleber Pacheco, depois de produzir seu romance, que me lembra o Cântico dos Cânticos - em que um versículo é sobre a amada, no caso Margarida (ligada às flores), o outro, do amado ( Pedro, ligado às pedras, como no evangélico "Pedro tu és pedra") - saiu deletando as vinculações mais óbvias entre os trechos.

Mas a quarta capa entrega o que vem, afinal, a ser o livro: "A trajetória de um casal, da infância à velhice".

Infância.

Isso explica o primeiro período, que tem qualquer coisa de esforço de memória. Sabemos, ao reler o romance, que é Pedro quem conta:

"Está escuro. Há uma bruma que aos poucos vai se dissolvendo. (...) E ela está aqui, ela veio. De onde surgiu? Não sei. Apenas constato a sua presença."

Pausa. E é a vez de Margari-

"Isto é o alvorecer. Há uma flor e uma rocha. Ambas em silêncio. Após a escuridão, surge um vulto logo à frente: é ele."

Esse alvorecer passa a ser simbólico, tal como a flor e a rocha, que são os dois - Margarida e Pedro.

Aí a velhice é explícita:

"O velho guardou sua dentadu-

"A velha guardou seus óculos". Na primeira página do livro há quatro citações, todas enfatizando a importância das fábulas. A última, de Chesterton, é genial:

 Contos de fadas são a pura verdade: não porque nos contam que os dragões existem, mas porque nos contam que eles podem ser vencidos.

Bem a propósito. Em todo o livro há marcas – suponho que da infância do autor - tanto desses contos, como da Bíblia e de outras fontes místicas, como a mencionada Tabula Smeragdina de Hermes Trismegisto.

Isto está na página 63, com qualquer coisa do "Qualquer coisa" de Caetano, em que "pra lá de Marrakesh " leva a canção a dizer "que mexe qualquer coisa dentro, mexe / Já qualquer coisa, doida, dentro mexe/ sem essa aranha, sem essa aranha! Nem a sanha arranha o carro / Nem o sarro arranha a Espanha"

Pedro:

"Estou tentando encontrar a dracma perdida. As dez virgens esqueceram de colocar azeite nas lamparinas. Era estéril a figueira e foi amaldiçoada".

Na página seguinte, Pedro de novo:

" Joguei pérolas aos porcos".

Confesso que não sei se ele simplesmente disse a frase metafórica do evangelho de Mateus, ou - sutilmente - nos remeteu à palavra "pérolas" em latim: Nolitemittere MARGARITAS ante porcos.

E Margarida:

"Mordi a maçã envenenada".

E ele:

"Eu sou o filho pródigo?"

Ela:

"Espetei a ponta do dedo na roca."

É a bela... adormecida.

Como no Ying e Yang, os dois se completam.

E, como no lance de Chesterton, no qual os dragões não existem, mas as fábulas mostram que podem ser vencidos, na página 76 há uma menção a "João e Maria", com a metáfora da morte dando à luz uma providência real:

 Perdi, no caminho, os pedaços de pão. Vieram os pássaros e os comeram. Acabarei na casa das bruxas. Vou doar minhas córneas.

E o duplo fracasso em que redundou suas vidas, vem assim:

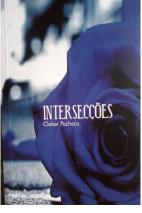
"Não encontrei o pote de ouro no final do arco-íris".

"O que faço, Conto até dez? Conto carneiros?"

"Aguardo a foice."

Apesar disso, o título da parte que se abre na página 83, já no final, é "Rosa e Diamante" – o que mostra que ao fim e ao cabo, os dois progrediram.

OK. O final. O que não é dito, o tempo todo, acaba dando à prosa um tom de poema longo. Sugiro à editora Penalux( que editou meu último livro, DeuS e outros quarenta PrObIEMAS) mudar a divulgação



da nova obra, fazer como nos trailers de Hitchcock: "Não contem o final a ninguém!" ( como contei aqui ). "Não leia as resenhas, fique longe dos que dissecaram o livro!"

Mas eu o dissequei? Longe dis-

SO.

Página 89: o autor nos diz como tentou reproduzir a vida:

"Prossegue o rascunho dos dias".

Página 43:

"Ele agora pensa Tudo o que eu digo é prefácio ou posfácio. Não sei onde ficará a obra".

Mas vamos encerrando. Veja isto ( páginas 81 e 82 ): É um poema, cada frase dita depois de enorme pausa:

"Não há abracadabra. // Não há palavras cabalísticas neste instante. // Preciso trocar a senha. // Preciso ser alfabetizada. // Vou aprender arte rupestre. // Vou inventar a escrita cuneiforme. // Quem sabe eu receba a tábua dos dez mandamentos.// Quem sabe eu encontre a pedra de Roseta".

W.J. Solha é escritor, ator e artista plástico. Ator no filme premiado internacionalmente O SOM AO REDOR.



# Dr. Djalma Allegro Dra. Ana Martha Ladeira

### Advocacia Trabalhista Especializada

Tels.: (11) 3393-7164 - 3393-7165 - adjaladv@gmail.com Rua do Bosque, 1589 - Cj. 301 - São Paulo - SP Página 6 - fevereiro de 2017

# Museu Casa da Xilogravura 30 anos - 1987-2017

Museu Casa da Xilogravura, fundado em 1987 por Antonio F. Costella, em comemoração ao 30º aniversário, está com inscrições abertas para o Prêmio Descoberta (para um artista ainda não constante do acervo da Casa da Xilogravura), Prêmio Reencontro (para um artista já pertencente ao acervo da Casa da Xilogravura), Grande Prêmio Casa da Xilogravura (para um artista de ambas as categorias anteriores, cujo trabalho venha a destacar-se especialmente) e Prêmio Mantiqueira (para um artista residente em Campos do Jordão ou no Vale do Paraíba).

Os artistas, que produzem gravuras impressas com matrizes de madeira (MDF também será considerado madeira.), poderão inscrever trabalhos que deverão chegar antes do dia 30 de junho de 2017.

Os xilógrafos átuantes no Brasil deverão enviar duas xilogravuras de sua autoria, acompanhadas de nome, currículo, endereço postal, telefone e e-mail para contato.

Premiação: Cada um dos artistas premiados em cada categoria receberá a quantia de R\$ 1.000,00 (um mil reais), além de Diploma de Premiação. Todos os artistas inscritos receberão um Diploma de Participação e Agradecimento e seus trabalhos ingressarão no acervo do Museu.

As gravuras premiadas e uma seleção das outras recebidas participarão de uma grande Exposição Comemorativa a realizar-se no Museu Casa da Xilogravura.

As xilogravuras recebidas, tanto as premiadas, quanto as não premiadas, não serão devolvidas e



Casa da Xilogravura

passarão a integrar o acervo do Museu Casa da Xilogravura, o qual se transferirá à propriedade da Universidade de São Paulo após a morte do fundador do Museu; e o nome do artista autor das gravuras será incluído no Catálogo do Museu, a ser publicado em 2017.

O Museu Casa da Xilogravura tem como Diretor geral o professor, escritor e jornalista Antonio F. Costella e como Diretora Técnica Leda Campestrin Costella.

Localizado em Campos do Jordão (SP), Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, abriga trabalhos de 1.000 gravadores em seu acervo.

Promove oficinas, encontros, cursos, eventos culturais e palestras. Dispõe de uma biblioteca especializada.

Os interessados em inscrever trabalhos deverão enviar currículos e xilogravuras pelo correio, com registro, para o Museu Casa da Xilogravura – Caixa Postal 42 – CEP 12460-000 – Campos do Jordão – SP.

Informações: (12) 3662-1832 - contato@casadaxilogravura.com.br

## Mistérios dos Anjos de Pedra

**Sonia Sales** 

(Do livro Ouvindo o Silêncio)

O enterro passou com seu negro cortejo de carros. Fiz o sinal da cruz, hábito antigo, transformando sentimentos de dor na alegria de não serem meus, os mortos.

Cemitério, biombo do meu caminho, mistério de anjos de pedra, meu encontro de todos os dias, lembrando que a morte existe,

Se me arrumo para uma festa, com brilhos e adereços, às vezes até esqueço, do cemitério vazio e triste, mas ao passar por seus muros, o portão cinza escuro, me encolho de susto e medo. (Será que o Outro Mundo existe?) Não quero mais pensar; a vida é apenas espuma, um instante, um lampejo, um olhar. Lembro então do vento em versos cantando, da fecundação dos meus filhos, de meus livros, dos amigos que tenho, da saudade do mar.

Vou semeando sonhos, cultivando esperanças, uma canção de silêncio uma aragem, um buquê de lembranças. Enquanto o encanto perdura, e ainda não é o momento, de beijar a face escura... - da morte

Sonia Sales é escritora, poeta, membro PEN Clube do Brasil e da Academia Carioca de Letras.





## **Tino Music**

Professor de Música

Cavaco - Violão - Teclado - Guitarra

Metodologia de ensino diferenciada com aulas em domicílio

www.tinomusic.com (11) 95138-2402 - 99114-8659

LINGUAGEM VIVA Página 7 - fevereiro de 2017

# Antologia de Autores da Língua Portuguesa

Antologia Escritores da Língua Portuguesa III (Portugiesischdeutschen zweisprachigen Anthologie - 2016), organizada por Jô Ramos, volume III, edição bilingue português e alemão, Z&L Assessorias, Rio de Janeiro (RJ), 224 páginas.

ISBN: 978-85-6749-15-4.

A tradução é de Ebal Sant'Anna Bolacio Filho (Doutor em Letras pela PUC-Rio e M.A. pela Universidade de Frankfurt) e de Katja Hölldampf (formada pela Universidade de Passau, Alemanha, que foi German Teacher Assistant CAPES/DAAD na UERJ).

A produção editorial e revisão gramatical é de Thiê Rock e o projeto gráfico, diagramação e capa é de Angel Cabeza.

A obra foi lançada no Salão do Livro de Berlim (Alemanha) e em março

estará no 3º Salão do Livro de New York (EUA) e em Montreal (Canadá). Participam da antologia os poetas Alexandra Vieira de Almeida, Ambrosina Coradi, Ana Araújo, Aricy Curvello, Astrid Rosa, Berenice Sica Lamas, Betty Barcellos, Blenda Bortolini, Carla Pachêco, Delcira Aparecida Soares, Dulce Rodrigues, Dyandreia Portugal, Else Dorotéa Lopes, Ely Vieitez, Eve Astrid, Fernanda Comenda, Gabriele Loureiro Bruschi, Grecianny Carvalho Cordeiro, Hazel de São Francisco, Heitor Luiz Murat, Ilda Maria Costa Brasil, Izabel Eri Diehl de Camargo, Jania de Souza, Jô Ramos, Laerte Sílvio Tavares, Lúcia Amélia Brüllhardt, Luís Delgado, Luiz Otávio Oliani, Marco Aurélio Maurer Dalla Vecchia, Maria de Lourdes Schenini Rossi Machado, Marizia Cezar, Nilva Ferraro, Orlando Sampaio Silva, Palmarí de Lucena, Paulo Schenini, Rafael Goudard, Renata Carone Sborgia, Rogélia Maria Proença, Teresa Ximenez, Valdeck de Almeida Jesus, Valentina Kroeff Sperb, Willian Figueiredo e Zilda Freitas.

O livro foi enviado por Aricy Curvello que participa com o poema Acampamento (páginas 25 - 34). O poema já foi traduzido para o espanhol (Barcelona/ESP), francês (Paris/FR), italiano (Castiglione di Sicilia/ IT),inglês (OAK Books).

Z&L Assessorias: Rua Siqueira Campos nº 238, Cj. 610 -Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - 22031-072 E-mail: zlcomunicacao8@gmail.com



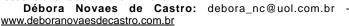
## Livros

O Haicai no Brasil - Comunicação & Culde Débora Novaes de Castro, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 196 páginas.

ISBN: 978-85-366-4701-2.

A autora é escritora, poeta, artista plástica, professora e pós-graduada em Jornalismo Cultural, Português Instrumental, Inglês Instrumental e Francês Instrumental, pela Cogeae-PUC. Mestre em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes - Dissertação: O Haicai no Brasil: Comunicação & Cultura, pela PUC-SP.

A obra é destinada à pesquisa científica e proibida a comercialização. A dissertação é fruto de estudo do seu mestrado que teve como professor e orientador Amálio Pinheiro.





euteAmo, poemas de Wilmar Silva de Andrade, Anome Livros, Belo Horizonte (MG, 120 páginas.

ISBN: 978-85-98378-80-0

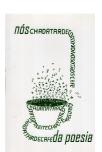
O autor é escritor, poeta, perfomer, editor, curador multiartista, ensaísta e diretor, roteirista e apresentador do programa de poesia Tropofonia (Prêmio Roquette-Pinto-2010) na rádio educativa 104.5 UFMG-Universidade Federal de Minas Gerais.

"euteAmo a pulsão voraz e irreprimível do amor, pela qual todos anseiam ser acometidos. A atmosfera lírica e energizante contida aqui espera ávida pelo leitor que se permita não somente uma experiência de leitura, mas uma imersão sem reservas nas águas inestancáveis do amor.'

Anome Livros: www.anome.com.br Wilmar Silva: wilmarsilvadeandrade@gmail.com

Nós da Poesia Con Nosotros, antologia organizada por Brenda Marques Pena, volume 5, All Print Editora, São Paulo (SP), 120 páginas. ISBN: 978-85-411-1061-7.

A obra, organzida pelo Instituto Imersão Latina, reúne poemas e prosas de Almans, Andrea Guerra Silva, Antônio Montes, Avelin Rosana, Brenda Marques Pena, Cláudia Gonçalves, Cristina Montero, Eli Rodriguez, Else Lopes, Ely Manoel, Ênio Poeta, Estella Cruzmel, France Gripp, Fernando Moura Peixoto, Gladys Lopes Pianesi, Helena Rocha, Iara Abreu, José Hilton Rosa, José Luis Machado Santana, Marcelo de Oliveira Souza, María Senatore, Raimon Alves, Regina Mello, Ronsângela Feris, Sandra Blanco, Vicente Ferrer e Zé Abreu.



DÉRORA NOVAES DE CASTRO

Nós da Poesia: nosdapoesia.blogspot.com - facebook.com/nosdapoesia

## Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO..







## Antologias:

Poemas: Il Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br via telefax: (11)5031-5463 - E-mail:debora\_nc@uol.com.br - Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Página 8 - fevereiro de 2017



Aroldo Pereira, curador do Psiu Poético, recebe Título de Doutor Honoris Causa da UNIMONTES-Universidade Estadual de Montes Claros - Conselho Universitário, conforme Resolução nº 027-Consu/2017, da Unimontes, assinada pelo Reitor e Presidente do Conselho Universitário Professor João dos Reis Canela. A láurea foi concedida pelo reconhecimento regional e nacional dos seus trabalhos literários que são objeto de estudo e pesquisa acadêmica, pelo trabalho desenvolvido como idealizador e coordenador do Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, pelo trabalho desenvolvido com alunos das escolas municipais de Montes Claros para estimular a leitura da poesia e pela inestimável trajetória como defensor da educação, da arte e da cultura brasileira.

Priscila Gontijo, dramaturga, escritora e mestranda em Literatura e Crítica Literária, lançou o romance Peixe Cego, pela Editora 7Letras. A obra foi finalista do Prêmio SESC de Literatura 2016.

Patrícia Favalle lançou a história de O Diário de Bia, pela Editora Equador, que é narrada pela cachorrinha Bia e conta todas as etapas de sua vida desde seu nascimento.

Joaquim Nabuco no mundo, ensaios de Bethell, obra que estuda a personagem histórica, abriga em quatro capítulos versões revisadas e ampliadas de artigos e ensaios.

Marcelo Moutinho lançou Ferrugem, contos, pela Editora Record.

USP UNESP е а disponibilizam acesso à Biblioteca Digital de Obras Raras, Especiais e Documentação Histórica da USP, por meio do SIBiUSP (Sistema Integrado de Biblioteca da USP), e à Biblioteca Digital da UNESP. Estão disponíveis acervos de documentos, jornais, revistas e livros em uma biblioteca online. bibdig.biblioteca.unesp.br/ e http:// obrasraras.sibi.usp.br/bore/ community-list

Sandro Roberto Valentini e Sergio Roberto Nobre tomaram posse como reitor e vice-reitor da UNESP, para o período 2017-2021.

Luís Antonio Torelli será reeleito ao cargo de presidente da Câmara Brasileira do Livro para o biênio 2017/2019. As eleições para a nova diretoria, com chapa única, acontece no dia 21 de fevereiro.

Olhos do Pantanal, de Tiago Lima Marcelino, livro editado pela FMC Agricultural Solutions e o Ministério da Cultura, está disponível em www.fmcagricola.com.br/portal/manuais/olhos do pantanal/index.html

Andreia Donadon Leal, escritora, poeta, artista plástica, membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia Feminina Mineira de Letras e uma das criadoras da forma de poesia nomeada de Aldravia, foi agraciada com o Prêmio Literário Cidade de Manaus.

O Prêmio Casa de las Américas laureou em sua 58ª edição, na categoria Literatura Brasileira, *Outros cantos* (Alfaguara), de Maria Valéria Rezende, e *Rol* (Companhia das Letras), de Armando Freitas Filho, com menção honrosa. Foram agraciados na categoria Novela, *Incendiamos las yeguas en la madrugada*, do equatoriano Ernesto Carrión e, em Poesia, o cubano Reynaldo García Blanco pelo livro *Esto es un disco de vinilo donde hay canciones rusas para escuchar en inglés y viceversa*.

O País que não teve infância: as sacadas de Antonio Callado, antologia que reúne crônicas políticas, inéditas em livro, publicadas no fim dos anos 70, será lançada, em abril, pela Editora Autêntica, em comemoração ao centenário de nascimento do jornalista e romancista Antonio Callado.

Pelos Caminhos do Rock-Memórias do Bom, de Eduardo Araújo, foi lançado pela Editora Record.

# **Notícias**



Nildo Carlos Oliveira, escritor e jornalista, faleceu no dia 26 de janeiro, em São Paulo. Nasceu em, 12 de junho de 1939, em Alagoas e veio para São Paulo em 1964. Seu último trabalho publicado no LV foi Obra de Svetlana fica como bom legado na memória da 14ª Flip, edição nº 324, agosto de 2016.

Trabalhou no grupo Folha da Manhã como repórter, redator e editor e em publicações técnicas nacionais da área de engenharia, arquitetura e urbanismo.

Fez parte da equipe que instalou o escritório da The Associated Press em SP e foi editor e consultor editorial da revista nacional de infraestrutura O Empreiteiro.

Autor de Isto o jornal não conta (ficção), Madalena (novela, RG Editores), Com a idade da terra (contos, RG Editores), Olho por olho (romance), A Construção no Espelho (Editora Pini) - um conjunto de ensaios e crônicas sobre os subterrâneos da construção brasileira dos anos 70 até o governo Collor - e de O mestre da arte de resolver estruturas - a história do engenheiro Bruno Contarini (biografia).

Leandro Carvalho, da Templus Editorial, irá dirigir a Associação Brasileira de Difusão do Livro no biênio 2017 – 2019. Será reeleito com única chapa inscrita.

A Literatura Aldravista será divulgada e implementada nas escolas do estado de Minas Gerais, conforme proposição apresentada pelos deputados Thiago Cota, Ione Pinheiro, Celise Laviola e Bosco, aprovada pela Comissão de Cultura da Assembleia Legislativa De Minas Gerais, conforme Requerimento de Comissão 7.543, de 2016. O projeto Democratizando a produção poética na rede de ensino de Mariana (2014 e 2015), que teve como proponentes Andreia Donadon Leal, José Benedito Donadon Leal e Beth Cota) e foi finalista do Prêmio VivaLeitura 2016, está sendo realizado em escolas públicas e bibliotecas de Mariana (MG). O mesmo será encaminhado à Secretaria de Estado de Educação com pedido de providências para a adoção, no âmbito do Estado, do projeto de divulgação da poesia aldravista.

# LIVRARIA BRANDÃO 📴

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier deToledo, 234 Sobreloja República São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr